

distribuída gratuitamente à população seropositiva, como lhe era dificultado o acesso, dependendo da vontade dos líderes políticos. Na maioria dos casos, a única forma de os seropositivos terem acesso a medicação retro-viral ou apenas de combate à sintomatologia era através da inscrição em grupos experimentais como voluntários. Helen Epstein faz mesmo referência a um ensaio experimental de uma droga que, afinal, não era mais do que um herbicida e foi aplicada sem se pensar nas consequência que poderia ter para estas 'cobaías humanas'.

A distribuição de preservativos e as campanhas direccionadas exactamente para os grupos de risco (prostitutas, mineiros, camionistas, jovens com início precoce da sua vida sexual) também constituíam uma das armas, por excelência, na luta contra a disseminação do HIV, no entanto é difícil controlar as pessoas, colocar-lhes o preservativo ou proibi-las de terem relações sexuais. Por mais informação que as populações tenham sobre a doença, são séculos de uma cultura sexual difícil de controlar e as novas gerações têm, além de tudo, como modelo as vidas de fausto e paixão das estrelas de cinema e televisão.

O grande conhecimento que a população ugandesa apresentava sobre SIDA e o à vontade com que falavam sobre a doença contrastava com a negação e o silêncio de outros povos, como os moçambicanos, igualmente bastante afectados pela doença e isso espantou a cientista, que, ao longo do livro, vai enfatizando o valor e a importância das actividades da própria população na luta contra a doença. Quem melhor que a própria população para conhecer os seus próprios hábitos e costumes?

A única maneira produtiva de compreender a epidemia da SIDA em África, e os altos e baixos nas taxas de infecção pelo HIV, é através das histórias de pessoas como as que são contadas neste livro. Homens, mulheres e crianças que, de uma forma ou de outra, estão inseridas numa teia de imposições culturais, económicas e de género que as tornam mais ou menos vulneráveis à epidemia. Para Helen Epstein, a SIDA é tanto um problema social, como médico. O vírus da imunodeficiência, como se conhece hoje, é relativamente recente e a sua rápida propagação deve-se sobretudo a padrões de comportamentos sexuais historicamente enraizados na cultura africana, que, ao longo dos anos, devido à colonização, às constantes guerras, sofreu um subdesenvolvimento económico e cultural que, por sua vez,

agravou as diferenças de poder entre homens e mulheres.

A descoberta científica da cura para a SIDA está ainda longe do nosso alcance e a medicina pode apenas ajudar no atraso do aparecimento dos primeiros sintomas da doença ou no controlo dos mesmos. Consequentemente, a grande arma será mesmo a prevenção e isso verificou-se no declínio da taxa de infectados no Uganda que, entre 1992 e 2002, desceu cerca de dois terços. Na opinião de Helen Epstein, a chave do sucesso não está apenas nos milhões de dólares de ajuda ocidental para o combate à doença, mas numa eficácia colectiva de ajuda mútua de pessoa para pessoa, falando abertamente sobre este problema.

Rita Faro

*Meistrado em Sociopsicologia da Saúde,
ISMT*

Maria F. Alexandre. 2007. *Mudanças Psíquicas no Processo Terapêutico: O Papel do Narcisismo*. Lisboa: Fenda Edições. 156 pp. ISBN: 978-989-603-029-2

Encontramo-nos diante de uma obra que, exemplarmente, nos propõe uma vasta reflexão acerca de um corpo teórico, tão complexo e rico como o psicanalítico, e a operacionalização deste no campo da prática clínica. Tomando como eixo condutor a temática das mudanças psíquicas no contexto da intervenção terapêutica, a autora reflecte sobre como esta mudança é passível de se expressar e processar nalgumas patologias da mente. Aqui, o papel do narcisismo assume, nesta tarefa compreensiva, um protagonismo essencial. Neste sentido, são desenvolvidos 9 capítulos, cuja sistematização dos conteúdos teórico-clínicos conduzem a uma leitura fluente e clarificadora.

Acompanhamos a autora neste desafio tão nobre da psicanálise que é o da capacidade de interrogar o outro, em concomitância com a aceitação da interrogação de si mesmo. Desta forma, é, então, proporcionada uma reflexão primeira sobre a evolução do conceito de mudança psíquica, ao longo do desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Qual metáfora do crescimento da mente, a mudança é trabalhada e pensada no sentido da explicitação de

como se processa e quais os seus veros indicadores clínicos. É, sem dúvida, uma área sensível do trabalho analítico, dado o franco reconhecimento de que a mudança é susceptível de fazer emergir diferentes graus de dificuldades técnicas, estreitamente relacionáveis com as distintas patologias do paciente. Nesta sequência, são evocadas as patologias narcísicas ou as organizações limite, cujos sérios distúrbios, ao nível das introjecções, do insight e da perlaboração, representam dificuldades técnicas importantes. Ilustrações clínicas complementam estas leituras, oferecendo-nos ferramentas de reflexão indiscutíveis.

Seguidamente, e desta feita com atenção particular, a autora debruça-se sobre a reacção terapêutica negativa, enquanto obstáculo sério ao crescimento e mudança psíquicas, obstáculo esse que, como sabemos, já havia sido assinalado por Freud como algo de complexa superação. Fenómeno clínico marcado pela negatividade, que, nas palavras de Fernanda Alexandre, não deixa de se expressar sob a forma de uma área paradoxal e que, ora pode desembocar num impasse ou rupturas terapêuticas, ora numa análise interminável. No entanto, na mesma medida, poderá inscrever-se antes como um espaço gerador de vida, a partir do qual o crescimento e a mudança psíquica se podem tornar numa realidade concretizável.

Não se alheando da sua linha organizadora, a autora apresenta o enigma do masoquismo em estreita articulação com o narcisismo (seja este na sua expressão positiva, como negativa) e face aos quais o analista deve esperar uma longa e dura tarefa de integração entre, por um lado, os aspectos dolorosos da mente, mas que ainda assim estão ao serviço do crescimento psíquico, e os outros elementos que, por se revelarem intensamente destrutivos e mortíferos, tendem a não facilitar a tão ambicionada transformação psíquica. Deste modo, entendemos como os movimentos significativos da mudança psíquica colocam ao analista uma incontornável prova à sua sensibilidade e, também, uma atenção cuidada aos problemas técnicos, com particular ênfase no campo transferencial e contra-transferencial.

Assim, são estes momentos delicados que, precisamente, se poderão ver invadidos por importantes defesas narcísicas, qual alarme acionado no interior do paciente, em virtude das suas dificuldades no confronto e elaboração das suas angústias de separação e de perda. Desta forma, nos remete Fernanda Alexandre para mais um capítulo, alertando, com mestria,

para as variadas expressões decorrentes das manifestações de perda ou receio pela mudança. Uma vez mais, são evocados diversos exemplos clínicos de crianças e adolescentes, fundamentados que estão na sua vasta experiência profissional enquanto psicanalista didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

Num capítulo especialmente dedicado à adolescência, é explorada a componente narcísica da personalidade, inevitavelmente presente num processo de mudança do psiquismo. A obra não termina, sem antes a autora se debruçar com rigor acerca da importância da qualidade do campo emocional criado entre paciente e terapeuta, que, tal como um elemento terceiro, é, sem dúvida, gerador de significados vários e infinitos e, por isso mesmo, passível de assumir novas formas e condições.

O leitor que se dedique à leitura deste livro certamente encontrar-se-á agradavelmente suportado e/ou contido por reflexões que apaziguam os tão intensos e frequentes questionamentos, com os quais nos defrontamos neste processo contínuo que é o da nossa construção pessoal e profissional. Sem dúvida, uma obra por mim vivamente recomendada, pelo seu refinamento e primor teórico-clínico, e que sedutoramente nos instiga, mais e mais, na direcção do conhecimento e compreensão da mente humana.

Sandra Oliveira

Instituto Superior Miguel Torga

Marcelo Firpo de Souza Porto. 2007. *Uma Ecologia Política dos Riscos: Princípios para Integrarmos o Local e o Global na Promoção da Saúde e da Justiça Ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 244 pp. ISBN: 978-85-7541-130-8.

O engenheiro e psicólogo Marcelo Firpo de Souza Porto, pesquisador titular do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, desenvolve discussões que deixam clara a indissociabilidade das diversas formas de conhecimento e as práticas. O livro *Uma Ecologia Política dos Riscos: Princípios para Integrarmos o Local e o Global na Promoção da Saúde*